VATICINIO DE MALDIÇÃO

A Inglaterra affrontando o mundo

POR

Justino Marques

—(*)—

MANÁOS 1890

A' PATRIA FERIDA

DEDICA E CONSAGRA COMO PROVA DE ACRISOLADO PATRIOTISMO,

O AUCTOR.

SIRVA DE PROLOGO

SEM conhecimentos litterarios que me habilitem a escrever uma obra de grande folego, onde realçam as bellas lettras e as varias materias que ornam a litteratura, limito-me a escrever este pequeno *opusculo*, sem vaidade nem jatancia de grandes conhecimentos.

Não sei se será ouzadia publicar uma obra, sem que esta preencha todos os requesitos da Arte; no entanto, achei o momento azado, e o pensamento repleto de indignação, não teve tempo nem paciencia para medir e harmonisar o metro.

Se é duro ou frouxo, destoante ao ouvido, ou mesmo truncado, deixo isso a benevolencia do leitor, que relevará estas faltas, apreciando somente a obra, pelo motivo que a dictou.

Nesta occasião toda a propaganda contra a Inglaterra, deve ser considerada um beneficio feito á humanidade; pois esse colosso sangui-

nario, tenta avassallar o mundo, com o poder de seus canhões, e reduzil-o a uma escravidão vergonhosa e retrograda.

A Inglaterra, acaba de rasgar a mascara hypocrita de fiel alliada e amiga, jogando a Portugal a suprema affronta, e tentando expolial-o dos territorios que tanto custaram aos nossos maiores, e que sempre se têm conservado debaixo da soberania portugueza.

O mundo inteiro ergueu um brado de indignação, demonstrando o direito e a justiça que cabiam a Portugal, e o povo portuguez, em um só pensamento, e comungando as mesmas ideias, ergueu-se cheio de indignação protestando contra a vil ladroeira da Inglaterra.

Bem haja! pois, maldito será o filho, que, vendo sua mãi prestes a ser devorada por uma fera, não vôa em seu soccorro.

Eis, por tanto, o que me impelliu a publicar esta obra.

E' um brado de indignação contra o procedimento ignobil e vil, d'aquelles que tanto nos affagavam, e uma prova de reconhecimento para com a terra que me foi berço, demonstrando ao mesmo tempo, que, não são os longos annos de exilio que fazem esquecer aquella maxima tão verdadeira — «O amor da patria é a alma da sociedade»

Maldição

CONFLICTO ANGLO-LUSO

Netos de heróes, eia, alerta,
Que em vossos peitos desperta
Um brado de indignação !
Firmes no posto, esperai,
Co'o mundo inteiro bradae,
— Contra o trahidor—maldição !

*

Pobre e velho Portugal,
Que é do teu poder real
Das priscas éras ? que é d'elle ?
Sem forças,—manietado,
Sem cabedal, e cançado,
Inane, dormente, imbelle !

Dormes no leito da historia
Acalentado c'oa gloria
Dos feitos que já lá vão;
De tantos louros coberto,
Dormes em fundo dezerto,
Cançado,—velho Leão.

Nesse somno descuidado
Em qu'estas, não vés toldado
O firmamento —não vês !
Negra féra traiçoeira
Sendo-lhe a sombra fagueira,
Goza da tua mudez.

Qual vampiro, lentamente
Suga-te o sangue, e potente,
Vendo-te exausto, ergue altiva,
A frente, e as fouces abrindo,
Olha o banquete rugindo
Pela presa já ferida.

Despertas, fraco, abatido,
Ao som do fero rugido,
Ergues um brado traição !
Responde o ecco no monte
E Deus brada no horisonte,
—Para o traidor—maldição !

Toma forças da fraqueza,
Ergue-te em pé, com firmesa,
Mostra ainda que és Leão,
Está feito o vaticinio
Guerra ! guerra de exterminio
—Para o traidor—maldição

Fravos luzos, que frementes
Bem mostram ser descendentes
Dos bravos de Mazagão !
A uma vòs, do norte ao sul,
Bradam—guerra a John Bull,
—Para o traidor—maldição !

Netos d'heróes, eia, alerta,
Que em vossos peitos despertas
Um brado de indignação !
Firmes no posto—esperae;
Co'o mundo inteiro bradae;
—Para o traidor—maldição !

Manáos, 19 de Fevereiro de 1890.

Justino Marques.

(Do *Seculo* de Manáos)

Guerra de exterminio

Abaixo John Bull !!

Portuguezes, o momento é solemne ! Raiou emfim o dia, em que, cançados de uma oppressão indigna e vergonhosa, devemos todos reagir contra as infames pretensões dos indignos piratas, dos traidores cervejeiros da vil-Inglaterra !

O pove portuguez está cançado de tanto opprobrio !

Os ultimos acontecimentos relativos á questão africana, vieram accordar no coração portuguez aquelle fogo de patriotismo que tanto enobreceu os nossos antepassados, e que ora parecia adormecidos; mas, semelhante ao fogo que lavrando debaixo das cinzas só espera um pequeno sopro para expludir, assim, este povo tão covardemente offendido, depois de tantos labéos recebendo a suprema affronta, acaba de revoltar-se com toda a força do seu patriotis-

mo, com a força do direito e da justiça, desde o nobre, ao mais infimo plebeu, contra a traiçoeira e quichotesca intimativa da nossa *fiel* alliada, a poderosa Inglaterra.

Na justa campanha de represalia, devem ter treguas todas dissensões quer politicas ou particulares, para formar uma só familia, com um só pensamento,—guerra de exterminio, e odio perpetuo, aos negreiros hypocritas, aos carvoeiros embrutecidos nas orgias do Wisky, aos oppressores da humanidade!

Esta questão não indignou só o povo portuguezes; todas as nações reconheceram o direito de Portugal, e a affronta lançada pela Inglaterra a Europa inteira, calcando as convenções internacionaes, e postergando a liberdade do mais franco, uzado do direito da força, contra a força do direito.

Esperamos a rsolução das potencias estrangeiras, mas mesmo que esta seja favoravel a Portugal, não deve parar a nossa campanha, estando sempre alerta e prevenidos, pois que John Bull, semelhante a um reptil venenoso, não perdera ensejo de nos ferir traiçoeiramente.

E' preciso esmagar a hydra traçoeira, que depois de sugar lentamente o sangue do velho leão e com elle se robustecer, abre as hybridas fauces para lhe devorar o corpo já mumificado.

Mas ai da misera! se o velho leão no supremo arranco do desespero lhe crava as garras, então todo o seu sangue rejuvenescerá, e a pobre voltará ao seu estado primitivo, deixando ao leão todo o sangue que lhe pertencia!

Portuguezes, é preciso recordar todo o mal que nos tem vindo da alliança ingleza! Temos ainda bem recente, na historia de Portugal, o quanto soffrêmos com a invasão franceza, que só foi motivada pela alliança da Inglaterra, a qual só veio a Portugal com a mascara de protectora, para nos roubar e anniquilar mais.

Procurae a maior parte das nossas antigas colonias, o nosso grande Imperio do Oriente, a riqueza do nosso solo, o producto constante de nosso rosto; —tudo achareis nas garras insaciaveis da nossa *muito fiel e querida* alliada, —a ambiciosa Albion.

Devemos ensinar mesmo a nossos filhos todo o mal que temos soffrido, para que elles sintam a repulsão que nós sentimos, e se livrem do seu contacto pernicioso.

Que importa o immenso espaço que nos separa da cara patria se aqui mesmo sentimos as suas dôres que veem repercutir em nosso coração!

Devemos ferir a quem nos feriu! Quereis saber o melhor meio de ferir de morte John Bull? é não lhe comprar o ferro e cerveja, e não lhe dar carne para os seus *beeffs*. O commercio é o poderoso elemento, que melhor nos póde vingar; pois que os Estados-Unidos, a França, a Allemanha, e outras muitas nações suprem bem a Inglaterra, e talvez mais vantajosamente para o commercio. Finalmente, é necessario que nos unamos todos, porque unidos seremos fortes para podermos reagir, e mostrar aos nossos compatriotas dispersos pela superficie da terra, que a colonia portugueza no Amazonas, não crusou os braços ante a affronta feita ao velho Portugal, pela Potencia que mais mal tem feito a humanidade.

Guerra por todos os meios!
Guerra de exterminio!
Abaixo John Bull!

Manáos, 19 de Fevereiro de 1890.

JUSTINO MARQUES.

(Publicado no *Commercio do Amazonas*).

VATICINIO

O ORGULHO INGLEZ, A CAMINHO DO SEPULCHRO.

RUMOREJA em toda parte
O estridor da indignação;
Toca unisono a rebate,
Todo o peito aonde bate
Um portuguez coração!

As ôndas do mar se agitam,
Revoltos o ceu e a terra;
Os raios do sol crepitam,
E em mil scentelhas incitam
A' vingança,—á santa guerra!

Nas paragens mais remotas,
Nas brenhas mais inconstantes
Onde for' as luzas frotas,
Lá se erguem sentidas notas
D'amor patrio,—em vós possante.

E resentido o universo,
Todo se ergue em turbilhão,
Em pró d'um povo disperso,
Que anathematisa o excesso
Da vil e infame traição.

Ante os canhões do negreiro
O ceu em luto se encerra,
Que esse *lord* cervejeiro
O londrino nevoeiro
Quer mandar a toda a terra.

Portugal é lauta meza
Do seu primeiro designio;
Já conta segura a presa;
Mas de permeio,—oh surpreza !
Surge o anjo do exterminio.

***

E no espaço, o anjo alado,
Sob um ceu ennevoado
Que envolve a terra maldita,
Diz, estendendo a mão:
—Tu és a mais vil nação,
Teus filhos, raça precita.

Foste couto de sicarios,
Onde vinham teus corsarios
Pernoitar da rapinagem;
Tua ambição desmedida
Não poupava a bolça e a vida,
A quem pedia hospedagem.

Cresceste sempre em vilesa
Tendo ao rosto a mascara preza
De philantropica amiga;
Redusiste á escravidão
Tuas irmãs co'a oppressão,
Das algemas que ainda as liga.

Portugal, França e Hespanha,
Envoltos em tua manha
Deram-te lauto banquete;
E ás indicas regiões,
Da bocca de teus canhões,
Lançaste ignobil ferrete.

Tu és a calamidade
Que persegue a humanidade
Da alvorada ao sol poente;
Onde passas, deixas morte,
O luto á triste consorte,
Sem pão o pobre innocente.

E o bom Deus compadecido
De quem tanto ha soffrido,
Firmou o teu vaticinio:
—Só terás ferro e cerveja,
Que o mundo todo troveja
N'uma guerra de exterminio.

Já deste o ultimo passo,
Lançando o perfido laço
Ao velho inerme gigante;
Mas este, f'rido, desperta,
—Brada a seus filhos—alerta!
Guerra ao traidor petulante!

Guerra ao cambio, ao algarismo,
Guerra ao commercio e cynismo,
Guerra ao estomago e algibeira!
Ahi jaz a prepotencia
Esmagada sem clemencia,
Da libertina altaneira!

Fica perdida Albion,
Exposta a cada nação,
Sentindo a dôr da chibata!
Será teu refugio a ilha,
E dos corsarios a quilha:
—Fica maldita pirata!»

. . . .
. . . .
. . . .

E as brancas azas o anjo batendo,
De nauzeas cheio, foge á impuresa;
No espaço brada, a fronte volvendo,
—Maldita serás ó ilha ingleza!

E o ceu de negro, mais negro assoma,
Ao fundo azar do ferro e carvão,
Cerveja e Wisky, que se transforma
Em esterquilinio, e sobe a amplidão.

Da raiva a bilis, fulos cuspindo
A masc'ra cáe, de hypocrita amigo,
Da eterna orgia, se erguem rugindo,
Co'a estupidez do bebado antigo.

Fracos! cobardes! biltres! pultrões!
Fortes só, ante o inerme e indefezo;
E' o ouro o seu dilema, e os canhões,
Que ao mundo inspiram tedio e despreso.

. . . .
. . . .
. . . .

São piratas, e negal-o,
E' negar a natureza;
Rapinagem é o regalo
Da alma negra, n'avareza.

E na ambição desmedida
Quer todo o mundo abranger;
Mas se á força é repellida,
Curva-se humilde a tremer.

Seja a Russia o exemplo altivo,
Que géla o rizo ao bretão;
França e Hespanha mostro'o livro
De, *nec plus ultra*, Albion!

A livre America alerta,
Raios de luz espargindo,
Sempre em linha descuberta
Vae lhe o terror incutindo.

E a estrella do cruzeiro,
Fulgente, livre, no sul,
Co'os raios fere o negreiro,
Desmascarando John Bull.

***

ata de atrevido
ndo em seus galleões,
ê as mil attenções
perseguem; destemido,
reito ao ponto q'rido
as aspirações.

Caminho n'Africa abrir
Para as suas posseções,
Co'a boca de seus canhões,
Sem Portugal empedir;
—Isto dissero'a sorrir,
Bebados *lords* bretões.

Mas ao grito portuguez
Contra o ladrão atrevido,
Ergue-se o povo opprimido
Pelo escravocrata inglez,
E brada co'intrepidez:
—*Suum cuique* é livre o captivo!

E ao grito, o mundo desperta
D'esse lethargo insensato;
Que em banquete lauto e farto
Come'os piratas alerta.
Mas n'uma liga concreta,
As nações se erguem no acto.

Os mortiferos canhões,
Mudos o mar os consome;
E mil navios sem nome
Em 'stilhaços, aos montões;
E o pavilhão dos bretões
Enlameado, assim dorme.

. . . .

. . . .

. . . .

N'um rir de sicario,
Ainda ouza o pirata
Jogar a barvata
Com outras nações;
Mas gelam-se os labios
E o rizo fenece.
E o biltre estremece,
Ao som dos canhões.

Pasmado e atonito,
Ao ver destimido
O povo opprimido
Da vil crueldade,
Erguendo-se indomito
E a par das nações
Bradar co'iffuzões :
Salve liberdade !

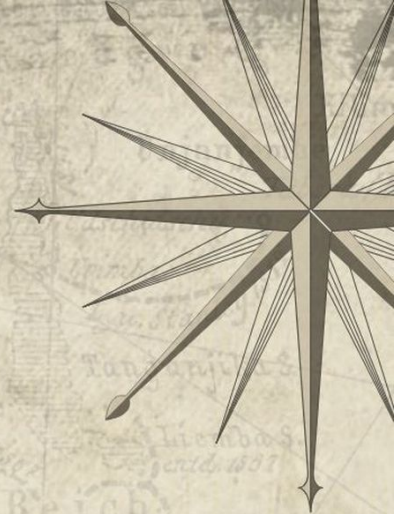
Atraz sanguinarios !
—O mundo lhe grita;
E a turba maldita
Lá foge a correr;
E sob um ceo turbido,
Na ilha da fome,
Alli se consome
O antigo poder.

***

E tu, oh patria dos meus sonhos ledos,
Ninho da infancia, meu primeiro abril,
Ergue-te extrenua e esmaga os vis segredos
D'essa alliança, vergonhoza e vil.

De pé, irmãos, firmes no posto, avante!
Clama vingança o brio portuguez;
Legae aos filhos um odio constante:
—Guerra sem treguas ao pirata inglez!

JUSTINO MARQUES.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA